

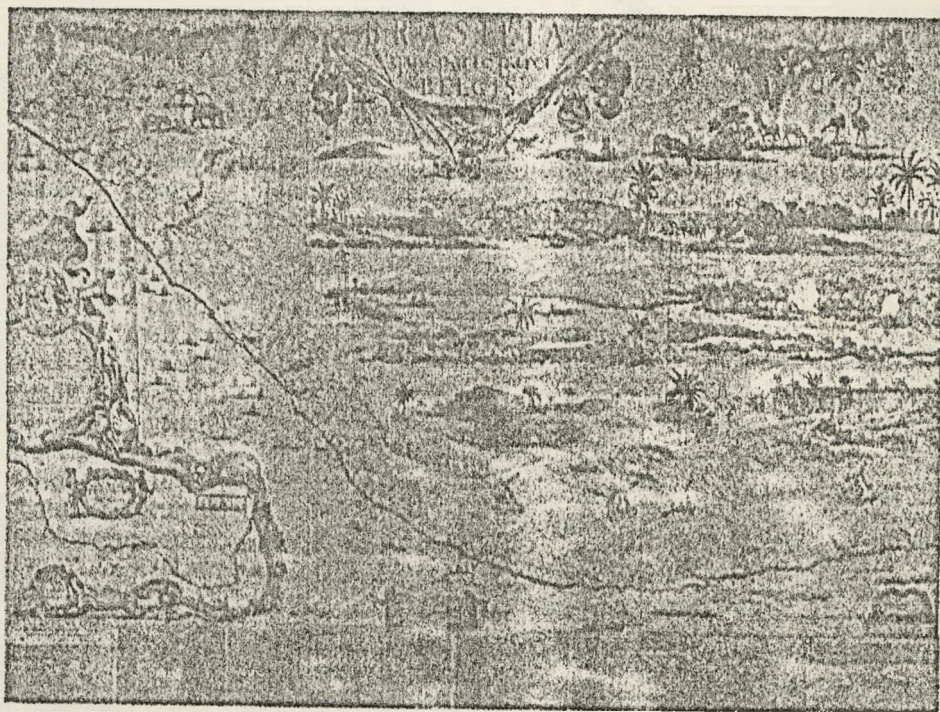
EXPOSIÇÃO

O avesso da história

A verdadeira herança legada aos brasileiros pelos invasores holandeses que dominaram o Nordeste por 24 anos, este é o tema da exposição *Imagens do Brasil holandês — 1630—1654*, no Paço Imperial do Rio de Janeiro.

Muito mais do que descendentes louros, de olhos claros e sobrenomes exóticos em pleno Nordeste, os holandeses que invadiram o Brasil duas vezes — de 1624 a 1625, em Salvador, e de 1630 a 1654, em Pernambuco — deixaram marcas indeléveis na literatura, artes plásticas, urbanismo, artesanato, utilitários e táticas militares. Traços que foram incorporados e reciclados pela população luso-brasileira e que permaneciam até hoje espalhados em acervos de instituições e coleções particulares em forma de documentos, pinturas, mobiliário, tapeçarias e moedas, principalmente. Agora, os vestígios deixados pelos holandeses podem ser avaliados na exposição *Imagens do Brasil holandês — 1630—1654*, que ocupa os 1.400 m² do grande circuito do Paço Imperial, no Rio de Janeiro. O curador da mostra, Beno Suchodolski, teve essa ideia em 1986, após conversar com o então governador de Pernambuco, Gustavo Krause, e o presidente da Fundação Pró-Memória, o pernambucano Joaquim de Arruda Falcão, que cogitaram da possibilidade de se realizar um evento cultural que recuperasse a memória do período holandês.

Os holandeses procuraram dominar o Nordeste brasileiro basicamente em duas invasões. A conquista de Salva-



O TERRITÓRIO OCUPADO

Mapa de Johannes Blaes define as terras brasileiras sob domínio holandês

dor teve duração efêmera e por isso mesmo deixou menor herança cultural. Foi a ocupação de Pernambuco, que chegou a se estender pelos Estados vizinhos com guerras intermediárias, que, com seus 24 anos de duração, legou profundas marcas, principalmente na administração de Maurício de Nassau, considerada o apogeu da presença cultural dos Países Baixos no Brasil. Conta a história oficial que os holandeses tiveram de deixar o Brasil expulsos pelas forças luso-brasileiras. Ao realizar a pesquisa histórica para montar a exposição, Beno Suchodolski descobriu que os holandeses não foram expulsos, mas deixaram o país mediante acordo, levando consigo 80 toneladas de ouro, e que a famosa Batalha dos Guararapes foi, na verdade, uma guerra de

guerrilhas, com muitas mortes dos dois lados. Após o acordo, porém, os holandeses que já haviam formado família e possuíam propriedades permaneceram no Brasil, dando origem aos Vander, Vander Linden, Vandercock e outros sobrenomes parecidos espalhados pelo país.

Tempo presente — Revoltados contra o abandono em que eram mantidos pela metrópole, os pernambucanos iniciaram a partir do século XVIII a reabilitação da era Nassau do domínio holandês para opor-se de forma crítica ao colonialismo português. Em termos históricos, o período da dominação holandesa foi particularmente interessante na história do Brasil, fértil em produção artística, refinada para a época,



"RECIFE E SEU PORTO"

Óleo sobre tela de autoria de Gillis Peeters pertencente à coleção de Gilberto Daccacha

e deixou no Nordeste um sopro diferente da cultura lusa, que submeteu o país, colônia portuguesa, a feroz isolamento. É este o tempo que está presente na exposição do Paço Imperial. Ao contrário do barroco português, primordialmente voltado, em se tratando do Brasil, para a religião, os pintores holandeses que por aqui passaram, a exemplo de Frans Post e Albert Eckhout, interessaram-se pelo paisagismo, pelos usos e costumes, bem como pela tipologia humana da terra, deixando, além de obras de forte valor artístico, expressivo testemunho iconográfico da época.

As 135 peças que compõem a mostra, selecionadas por seu curador em vários museus e coleções particulares, estão avaliadas em 40 milhões de dóla-

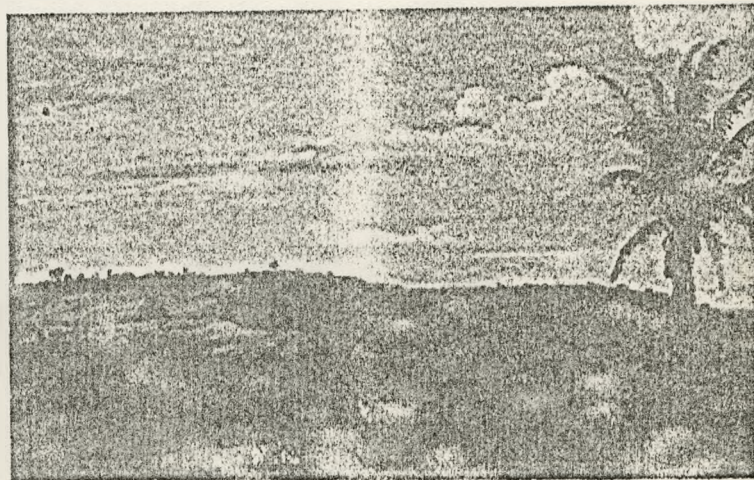
res (cerca de 1,2 bilhão de cruzados). São catorze pinturas de Frans Post, o retrato de Maurício de Nassau pintado por Pierre Nason, três óleos de Gillis Peeters, um de Albert Eckhout, cinco tapeçarias de François Desportes, três telas de N. A. Lutzen representando mulatas e índias brasileiras, gravuras de doze autores diferentes, 24 peças de estanho, livros, moedas, medalhas e armas. As 24 peças de estanho vieram do navio *Utrecht*, naufragado em 1624, e foram resgatadas na costa da Bahia em 1881. Os utensílios são de John Somers, fabricante contemporâneo de peças de estanho, e do Museu Naval e Oceanográfico do Rio de Janeiro e serviram aos oficiais e ao cirurgião de bordo. Exibidos ao público pela primeira vez, representam a mais antiga e maior coleção de peças de estanho do mundo. Além disso, a exposição conta com a exibição do audiovisual *Fauna e flora*, que mostra o minucioso levantamento de história natural feito pelos cientistas George Marsgrave e Guilherme Piso, com ilustrações de Albert Eckhout, com desenhos de plantas e animais e a descrição de usos e costumes dos brasileiros do século XVIII.

Do Rio para São Paulo — Beno Su-

chodolski organizou a exposição *Imagens do Brasil holandês — 1630—1654*, a convite da Fundação Pró-Memória. "A razão do convite", afirmou o curador, "foi o fato de eu combinar uma série de coisas que a Fundação julgou serem convenientes para essa organização. Em primeiro lugar, a necessidade de fazer dessa exposição uma mostra-piloto do ponto de vista de adaptação da Lei Sarney. Por ser advogado, fazer essa adaptação não me é difícil. A segunda razão é a de eu ser uma pessoa muito ligada ao meio das artes plásticas. Em ter-

ceiro lugar, gosto muito de história e, por último, por poder conjugar o evento com uma motivação empresarial, que é o objetivo da Lei Sarney."

Para poder organizá-la, Beno Su-chodolski e sua equipe trabalharam quase um ano, enfrentando algumas dificuldades, principalmente na tenta-



"MOCAMBOS — INTERIOR DE PERNAMBUCO"

Óleo sobre madeira de autoria de Frans Post

tiva de convencer os proprietários das peças a cedê-las, de favor, para a mostra. Para isso, teve de se fazer um seguro total das peças, o qual chegou a 4,2 milhões de cruzados, "a parte mais cara da exposição". Além do apoio do Governo de Pernambuco, a Pró-Memória contou com a colaboração de várias empresas nacionais e multinacionais. Após o Rio de Janeiro, *Imagens do Brasil holandês — 1630—1654* será apresentada em São Paulo, na Fundação Maria Luísa e Oscar Americano. □

BRASÃO DE ARMAS

Em ferro pintado, o poder do Nassau